JOÃO P. SILVA[1]

PODE A PROSA SER POÉTICA? UMA LEITURA A PARTIR DE *TEMPO E POESIA*

How poetic can prose be? A reading through *Tempo e Poesia*

Abstract

According to Eduardo Lourenço, poetry can only be understood from poetry. For this reason, Lourenço embarked on an essayistic critique of poetry that did not merely express a judgement on both the work and the poet, but which also included the subject of the poem itself. To this end, he metaphysically problematised poetry as a means of understanding man. Contrasting the poetic with the prosaic, he conceived poetry as the most suitable language for naming human reality, considering that Man cannot be an object of knowledge for himself like others. This is due to a «silence», an «unpronounceability» of his condition, which cannot be spoken without the risk of being ontologically conditioned or reduced. If poetry is the language best suited to this naming, as it is figurative and latent, prose is not, as it describes and is patent. However, poetry and prose are two facets of language and, when Lourenço intends to conceive essays, in his own words, of «critical-poetry» or «poetical-critique», does he admit the possibility of prose being poetic? We will try to answer this question by

[1] Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto, Portugal. Ciência ID: 931D-A39B-4D4F Correspondência: jp.dasilva@outlook.com

DOI: https://doi.org/10.21747/21836892/fil41a11

reading a series of essays collected in Tempo e Poesia, in which Lourenço reflects on and distinguishes between the concepts of poetry and prose. We will begin with Eduardo Lourenço's understanding of poetry, then distinguishing the poetic from the prosaic, in order to analyse the notion of «poetical-critique» and conclude with an appraisal of «poetic prose».
Key-words: poetry; prose; critique; essay; Lourenço

Resumo
A poesia só poderá ser compreendida, segundo Eduardo Lourenço, a partir da poesia. Por isso, Lourenço encetou uma crítica ensaística da poesia que não fosse a emissão de um mero juízo de valor sobre a obra e o poeta, mas que comportasse, também, a matéria do próprio poema. Para esse fim, problematizou metafisicamente a poesia como contributo ao entendimento do Homem. Contrapondo o poético ao prosaico, concebeu a poesia como a linguagem mais adequada à nomeação da realidade humana, considerando que o Homem não pode ser um objeto de conhecimento para si como os demais. Isto deve-se a um «silêncio», uma «impronunciabilidade» da sua condição, a qual não pode ser dita sem o risco de ser condicionada ou reduzida ontologicamente. Se a poesia é a linguagem mais adequada a essa nomeação, por ser figurativa e latente, a prosa não o é, na medida em que descreve e é patente. Todavia, poesia e prosa são dois aspectos da linguagem e, Lourenço, ao tencionar conceber ensaios, nas suas palavras, de «poética-crítica» ou «crítica-poética» admitirá a possibilidade de a prosa ser poética? Procuraremos, aqui, responder a esta questão, a partir da leitura de um conjunto de ensaios coligidos em *Tempo e Poesia*, onde Lourenço pensa e distingue os conceitos de poesia e de prosa. Iniciaremos com o entendimento de poesia para Eduardo Lourenço, distinguindo, em seguida, o poético do prosaico, para analisarmos a noção de «crítica-poética» e concluirmos com uma apreciação de «prosa poética».
Palavras-Chave: poesia; prosa; crítica; ensaísmo; Lourenço

Introdução

O conjunto de ensaios de Eduardo Lourenço coligidos na obra *Tempo e Poesia* constituem uma referência do ensaísmo português sobre a poesia[2], em particular de uma hermenêutica poética[3]. Ensaísmo crítico não alheio a uma «matriz existencial» que caracteriza, segundo Pedroso de Lima, a produção reflexiva de Lourenço[4]. Por isso, encontraremos nestes ensaios, uma reflexão crítica quanto à contribuição da poesia,

[2] C. M. de Sousa, introdução a *Obras Completas (Vol. III) – Tempo e Poesia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, p. 9.

[3] C. Natário, «Eduardo Lourenço: Um Poeta da Filosofia», *Agora: papeles de Filosofia* 42, no. 2 (Junho 2023) 1.

[4] Cf. J. T. P. Lima, *Existência e Filosofia: O Ensaísmo de Eduardo Lourenço*, Campo das Letras, Porto 2008, p. 31.

em particular do acto poético, em contraste com o prosaico, para a compreensão da existência humana. Aqui, uma questão se nos apresenta: Como efetuar essa crítica?

Quando abordamos o ensaísmo de Lourenço devemos considerar neste, a par do que foi assinalado por Pedroso de Lima, um apelo à liberdade de escrita como um acto livre – i.e., a escrita como um exercício de liberdade do próprio pensamento[5]. A crítica de poesia que Eduardo Lourenço, então, enceta é uma crítica que vai respeitar essa liberdade, porém, para que assim seja, não poderá ser uma crítica redutora. A poesia comportando uma ontologia que lhe é própria não poderia ser adequadamente abordada através de um acto não-poético, por uma crítica que analisa, reduz e explica. É neste sentido que Lourenço vai preconizar uma «crítica-poética» ou «poética-crítica»[6]; em todo o caso, uma crítica do poema a partir do material que o compõe. Todavia, entendendo que a crítica se pode efectuar por meio de um acto poético e de que a escrita é um acto de livre pensamento, pode a prosa, em Lourenço, ser também poética?

Poesia: Nomeando a realidade humana

Para compreendermos até que ponto a prosa pode ser poética teremos de examinar como é efectuada uma demarcação conceptual entre a poesia e a prosa, o poético e o prosaico em *Tempo e Poesia*.

Comecemos por dizer que a conceptualização de poesia, assim como de prosa, na nossa leitura de Lourenço, compreende duas questões: a) o problema do Homem enquanto objeto de conhecimento para si mesmo; e b) o problema de qual a linguagem mais apropriada à nomeação da realidade humana.

O Homem enquanto objeto de conhecimento como qualquer outro é, para Lourenço, uma impossibilidade. Todavia, o Homem não se absolve de se compreender. Esta asserção encontramos no primeiro ensaio de Lourenço coligido em *Tempo e Poesia*. Trata-se do texto *Esfinge ou a Poesia,* datado de 1951. Aqui, Lourenço coloca em questão a relação do Homem com a poesia. O famigerado ensaísta entende o Homem como impossibilidade de ser um objeto de conhecimento como os outros, porque é ele mesmo, ambíguo, i.e., sujeito, vida em si original[7]. Esta vida situa-se, segundo Lourenço, face a um mundo, a uma história, aos outros; face a uma alteridade a que não é indiferente – i.e., a qual aceita ou combate, mas, em todo o caso, dialoga[8]. Por isso, dada a originalidade da sua vida, dado o horizonte das suas possibilidades, é, para Lourenço, impossível que o Homem possa «ver-se face a face»[9]; i.e., enunciar-se como a

[5] *Ibidem,* pp. 16-17.

[6] E. Lourenço, *Obras Completas (Vol. III) – Tempo e Poesia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, pp. 65-66.

[7] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 69.

[8] *Ibidem.*

[9] *Ibidem.*

um qualquer objecto que se analisa. Essa impossibilidade traduz-se num silêncio, num emudecer quanto aquilo que está para lá de toda a descrição possível – a vida. Porém, apesar da vida não poder ser dita, o Homem não se absolve dessa busca por si mesmo. Esta busca não poderá, consequentemente, efectuar-se, segundo Lourenço, a partir de uma linguagem meramente descritiva. Uma outra terá de ser. Essa linguagem será a poética; uma linguagem que encarna a ambiguidade da condição humana e que, por isso, pode ser inicialmente vista como enigmática, esfíngica[10]. O autor diz:

> A poesia é a expressão das origens. Solicitado pela noite animal e a plenitude solar, um poeta talhou na rocha uma forma visível da sua condição. Compreender a Esfinge, compreender a poesia é olhá-la sem a tentação de lhe perguntar nada. É aceitar o núcleo de silêncio donde todas as formas se destacam[11].

Núcleo de silêncio que é precisamente aquilo que não é susceptível de ser pronunciado, descrito, delimitado. Está para lá do aparente, sendo anterior a todas as formas. Remete-nos para a origem. A poesia é, precisamente, a expressão da origem e, consequentemente, a linguagem mais própria para a nomeação da realidade humana. Todavia, Lourenço assevera que a poesia, na alegoria da esfinge, não é, em si, um enigma quanto à condição do Homem, como inicialmente suposto, mas a encarnação da sua ambiguidade; i.e., não uma indagação, mas resposta[12]. Por isso, a esfinge, o mesmo que dizer a poesia, não sendo uma pergunta, só permanece um enigma:

> […] para homens incapazes de acolher esse silêncio original. Gente que não compreende, enquanto não substitui a irredutível figura de uma obra, a ímpar forma de um poema, por uma palavra, por um discurso[13].

Portanto, para Lourenço, o Homem não é um objecto de conhecimento como os outros, sendo a figuração do Homem irredutível à palavra, ao discurso. Cabe à poesia, enquanto expressão das origens, a nomeação do Homem através de um gesto de criação, que Lourenço entende como original e não passível de ser, reproduzido, sistematizado[14]. Há, então, neste texto, uma diferença entre poesia e prosa no ato de referir a condição humana; cabendo à poesia o ato de nomeação mais adequado.

Outros ensaios reiteram e aprofundam a concepção da poesia como linguagem mais própria à nomeação da realidade humana. Destacamos, a propósito, uma passagem de um texto de juventude intitulado *O Irrealismo Poético ou a Poesia como Mito*, datado

[10] *Ibidem.*
[11] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 70.
[12] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., pp. 69 e 70.
[13] *Ibidem.*
[14] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 72.

de 1957, onde a poesia, como mediadora entre a imaginação humana (i.e., sonhos, decepções, esperanças) e o mundo[15]:

> [...] testemunha essencialmente de uma não radical transparência da realidade humana. O que ela é, de cada vez e sempre, é a experiência sensível da impronunciabilidade da existência e por isso mesmo a única vitória efectiva do homem sobre o destino, figura de tudo quanto é objecto e objectivo[16].

Se a poesia é essa «expressão das origens», a «experiência sensível da impronunciabilidade da existência», o único meio vitorioso do Homem superar o "destino", os seus determinismos, de se compreender, por seu lado, a prosa será o meio que o afasta dessa compreensão de si.

É o que verificamos no ensaio datado de 1959 com o título *Tempo e Poesia*. Lourenço entende, neste ensaio, os determinismos do Homem, o «nosso-curso-no-mundo»[17], como «Nada», modos de perder o «Instante» da presença do Homem a si mesmo[18], considerando o discurso descritivo, o não-poético um meio de alienação:

> A inexcedível claridade das formas não poéticas é de uma substancial negrura. São o homem fora do homem e tanto mais distante quanto mais claras. O mistério da sua claridade é o da nossa alienação[19].

O mesmo que asseverar que o acto de dizer, de explicar o Homem, analisando-o, é ele mesmo um acto de alienação – de o perder.

A distinção entre prosa e poesia é-nos dada com maior clareza no texto que tem precisamente como título *Prosa e Poesia*, datado de 2008, onde ambas são tidas como duas facetas da linguagem, as quais traduzem diferentes relações de inteligibilidade que o Homem pode ter para com a realidade mundana[20]. Sobre a prosa, na acepção de sentido não poético, Lourenço diz:

> Se nós confinamos ao sentido patente de um *texto*, se ele parece não possuir senão essa patência, essa leitura que o esgota sem resíduo ou que como tal se vive, nós estamos no domínio da *prosa,* qualquer que seja por outro lado a aparência, a insinuação gráfica do *texto*[21].

---

[15] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 92.
[16] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 93.
[17] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 75.
[18] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 73.
[19] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., pp. 74-75.
[20] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 237.
[21] *Ibidem.*

O sentido prosaico do discurso é precisamente aquele em que o discurso esgota em si toda explicação do seu objecto; descreve, é patente. Já a poesia compreende uma linguagem figurativa, um sentido latente. Sobre a poesia, na acepção de sentido não prosaico, acrescenta:

> Mas se todo o texto manifesta o triunfo do latente nele sobre o patente, se este patente – sempre primeiro na ordem do sentido – de si mesmo manifesta uma impotência que é sinal de encoberta riqueza, então a realidade *poética* sobrevém e impõe-se como sendo a sua verdadeira realidade[22].

Considerando esta distinção entre poesia (experiência sensível da impronunciabilidade humana, sentido latente) e prosa (discurso, sentido patente), a crítica de poesia deve relevar, para Lourenço, o elemento poético face ao prosaico. A propósito, Lourenço diz-nos num texto do ano 2000 intitulado *Como Falar sobre Poesia?* que o único modo de falar sobre poesia é talvez dizê-la[23]. Esta posição contrasta com uma crítica até então convencional, como aquela efectuada pelos críticos do movimento *Presença*, onde a crítica é efectuada sob a égide de uma teorização acerca do poema. Acerca de uma tal crítica afirma no texto não datado *Do Poeta como Crítico:*

> A crítica é uma reflexão, um juízo, um discurso em que o óbvio objecto é o poema, realidade-outra que o acto crítico analisa, decompõe, situa, compara com realidades da mesma esfera e, em última análise, sopesa, julga, valora[24].

A esta crítica contrapõe uma «crítica-poética» tal como efetuada pela geração Árvore. Sobre esta diz:

> Não se trata, naturalmente, de considerar o poema como mero suporte ou pretexto ecográfico, cobrindo-o ou dissolvendo-o numa paráfrase que disfarçaria a congenital impotência em "falar do poema" com uma glosa mais ou menos lírica do Poema. Trata-se de algum modo de levar a cabo o paradoxal e, no limite, impossível acto de falar do poema[25].

Apenas uma tal crítica, em que a poesia concorre, se pode referir ao poema, o qual não é passível de ser descrito, decomposto, explicado.

Sumariando: para Lourenço, como vimos, a poesia é a experiência sensível da impronunciabilidade da existência, remetendo para a figuração do «silêncio» original da condição do Homem, a qual não é passível de ser reduzida a uma mera descrição.

---

[22] *Ibidem.*

[23] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 229.

[24] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 263.

[25] *Ibid*, pp. 263-264.

Como falar, então, daquilo que não pode ser falado? Uma fala terá de haver, mas que respeite esta mesma impronunciabilidade do humano. Essa fala é poesia. Contudo, como falar de poesia sendo ela figuração do impronunciável? Uma tal fala, crítica, de poesia assim concebida não pode partir de um discurso descritivo, com o risco alienar o poema e o poeta, mas deverá revestir-se da matéria do próprio poema. Criticar o poema por meio do poético não para o situar e valorar, mas empreender na tarefa hercúlea de falar sobre ele, falando com ele.

Todavia, considerando a possibilidade de uma crítica de poesia simultaneamente poética, podemos admitir uma prosa que seja também ela poética? Caso nos seja lícito assim supor, será que o poético na prosa pode ser visto, a partir de Lourenço, como uma implicação da própria substância do autor no seu discurso literário? Isto é, em que o discurso, mais do que a matéria que trata, remeta para a própria pessoa do seu autor?

Para responder a estas questões teríamos de encontrar em Lourenço alguma indicação de que a prosa possa ser, também ela, poética. Como já vimos em *Prosa e Poesia*, a prosa comporta um sentido patente, o qual é independente da *aparência gráfica do texto* – o que nos permite conceber, do mesmo modo, a possibilidade de uma poesia independente do molde textual em verso, podendo, por consequência, estar igualmente presente na prosa. É o que indicará, por seu lado, a definição de poesia, a qual compreende uma modalidade textual em que haja o *triunfo do latente* sobre o patente. Todavia, precisamos de mais algum elemento que nos permita associar o poético à prosa. Não encontramos no conjunto de ensaios de *Tempo e Poesia* a uma referência directa a esta associação ou mesmo expressão de «prosa poética». Isso não significa que Lourenço nunca a tenha empregado ou pensado esta questão. Encontramos esta mesma expressão precisamente num ensaio redigido em francês sobre o poético em Antero de Quental, datado de 1971, incluso numa outra obra com o título *Poesia e Metafísica.* Vale a pena citarmos o contexto em que nos é dada esta expressão:

> Cést qu'il n'y a pas de différence irréductible entre la vision de la Prose et celle de la Poésie. Nous dirons plus: le discours qui, à première vue, consigne sans équivoque ce qu'on a appelé la vision *positive* d'Antero, a la même structure que la Poésie. Il s'agit d'une prose *poétique*, dans la mesure où elle est *optative*, où elle exprime un «souhait», un «devoir-être», une aspiration, et non une *affirmation* comme le veritable discours philosophique[26].

Além de nos autorizar uma leitura que permita a problematização da noção de

[26] «Isto para dizer que não há uma diferença irredutível entre a visão da Prosa e a da Poesia. Diremos mais: o discurso que, à primeira vista, regista inequivocamente aquilo a que se chamou a visão positiva de Antero, tem a mesma estrutura da Poesia. É prosa poética, na medida em que é optativa, na medida em que exprime um "desejo", um "dever-ser", uma aspiração, e não uma afirmação como o verdadeiro discurso filosófico» (tradução minha). Cf. Lourenço, *Poesia e Metafísica – Camões, Antero, Pessoa*, Sá da Costa Editora, Lisboa 1983, pp. 138-139.

«prosa poética», esta passagem já nos afirma que uma prosa assim concebida é aquela que exprime não uma afirmação, um discurso, mas o latente, o «desejo», o «dever-ser». Procuremos, contudo, esboçar possíveis respostas às perguntas anteriormente formuladas, através do conjunto de textos que compõem *Tempo e Poesia.*

Autorizados, portanto, a prosseguir, admitimos a hipótese de que a prosa para comportar, então, um acto poético, necessita de uma associação com as palavras que seja não em si prosaica, mas poética. Acto poético que se encontra para lá das questões formais da poesia. A corroborar esta hipótese, Lourenço afirma em *O Irrealismo Poético ou a Poesia como Mito*:

> Não há palavras poéticas por direito divino, não há imagens poéticas em si, não há mesmo poemas válidos *hic et nunc*, não há nada certo numa realidade submetida à lei inexorável de ter que se reinventar para ser real. A natureza do acto poético é tal que pode acontecer devir não-poesia a forma e o conteúdo daquilo que hoje nos parece sem equívoco a única expressão possível do poético. A poesia tem a mesma pereneidade dos homens, mas não tem um conteúdo perene. A sua natureza não reside no conteúdo mas na sua *relação* com o estado da imaginação humana[27].

Encontramos, nesta passagem uma outra distinção, nomeadamente entre poético e poesia. O acto poético encontra-se, assim, demarcado da poesia, pelo que esta, apesar da sua forma e do seu conteúdo, pode mesmo, nas palavras de Lourenço, «devir não-poesia», precisamente por carência do próprio acto poético. E, por isso, é também possível conceber uma poética veiculada no género da prosa. O cerne do ato poético é, como anteriormente mencionado, a mediação entre a imaginação humana e o mundo. Essa mediação dá-se por meio da palavra onde o Homem se implica. É essa implicação um modo de auto-conhecimento? Em *Sobre Poesia,* manuscrito não datado, afirma:

> O homem fala ao homem. Isso é necessário não para compreender o outro mas para que cada qual se entenda a si mesmo. Mas o homem não é homem de um só tempo nem de um só espaço. Para não se esquecer da sua humanidade nem no espaço nem no tempo os homens encarnaram-se sempre em certas palavras essenciais. Palavras essenciais são a invenção dos poetas, o resto morre, só o que os poetas fundam permanece[28].

Portanto, o acto poético não reside propriamente num conteúdo ou forma de poesia, mas na relação da palavra com a imaginação, sendo que por meio do poético é o «homem que fala ao homem», o mesmo que dizer fala consigo mesmo, não

[27] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 94.
[28] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 247.

necessariamente para compreender só o outro, mas para que «se entenda a si mesmo», para se compreender, entre as palavras que o encarnam. Lourenço acrescenta, ainda, no texto não datado *A Situação Existencial do Poeta*:

> O que é um Poeta? Um homem que não pode contentar-se com que as palavras *signifiquem* mas sonha e consegue que elas *sejam*[29].

O que é que as palavras são? A encarnação do próprio poeta, aquela fala em que este se compreende a si mesmo porque se revê na palavra pronunciada – a qual contém em si, em sentido latente, a experiência sensível da existência que o Homem não consegue simplesmente pronunciar ou descrever. Entende-se daqui que a relação entre o poeta e a palavra é ontológica, mas, também, será algo mais do que isso – é um acto de se conhecer, de se perceber, de auto-gnose. Na poesia a palavra é, portanto, concomitante com o ser:

> Que a luz acompanhe a palavra, que o Logos e a criatura não possam jamais ser separados por este abismo humano que na linguagem dos mortais separa a significação da coisa significada, o que se diz e o que se faz, o que se pensa e o que existe, o que se sonha e pode vir a ser, eis aquilo que para nós significa a Poesia[30].

Considerando esta passagem, uma prosa que possa ser qualificada como poética será aquela em que esse abismo entre o Homem e a palavra não se verifica; i.e, em que as palavras grafadas reconduzem à experiência sensível da existência do próprio autor. Lourenço dá-nos uma indicação neste sentido em *Prosa e Poesia*:

> […] o discurso poético aparece como aquele em que a Linguagem se psicanalisa ingenuamente manifestando através do patente o segredo, a realidade ocultada pela simples literalidade da aparência linguística.[31]

Assim, uma modalidade textual em prosa que seja também poética compreenderá uma inscrição, o refletir, por meio da palavra, da própria pessoa do seu autor no texto. Essa reflexão é uma psicanálise ingénua; é auto-conhecimento.

---

[29] *Ibid*, p. 257.
[30] *Ibidem.*
[31] Lourenço, *Obras Completas*, op. cit., p. 238.

Conclusão

Examinamos, a partir de algumas passagens de *Tempo e Poesia*, a distinção entre poesia e prosa, poético e prosaico, bem como a relação entre crítica e poesia em vista a esclarecer a possibilidade de uma prosa poética no pensamento de Eduardo Lourenço. Essa possibilidade afigura-se-nos lícita dentro de um conjunto de ensaios redigidos em períodos temporais distintos.

A poesia, concluímos, é, para Lourenço, o meio linguístico mais apropriado para a nomeação da realidade existencial humana, considerando que o Homem não é um objecto de conhecimento como os outros, mas vida. Constitui-se como meio mais apropriado porque o poético é a expressão de um sentido latente que respeita a ambiguidade, o paradoxo da vida humana; enquanto o prosaico é a expressão de um sentido patente, de um descrever que reduz o Homem aos seus determinismos, alienando-o. Contudo, Lourenço adverte-nos que não há uma diferença irredutível entre a poesia e a prosa. O poético e o prosaico ocorrem, acontecem, independentemente da modalidade textual, da insinuação gráfica do texto. O poético não implicará necessariamente a versificação e o prosaico a discursividade. Isso permite uma abertura, uma liberdade, na configuração da criação literária para lá de uma tipificação monolítica de produções em prosa ou poesia. A prosa compreende, nessa tipificação, o discurso que descreve o «nosso-curso-no-mundo», mas, além de poder comportar o acto prosaico, pode comportar o poético, na condição de que para tal terá de assumir uma relação do autor para com a palavra em que esta mais do que signifique, do que descreva, seja ela mesma a vida original do seu autor no acto de se compreender.

Referências bibliográficas

Lima, J. T. P. de, *Existência e Filosofia: O Ensaísmo de Eduardo Lourenço*, Campo das Letras, Porto 2008.

Lourenço, E., *Obras Completas (Vol. III) – Tempo e Poesia.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

— *Poesia e Metafísica – Camões, Antero, Pessoa,* Sá da Costa Editora, Lisboa 1983.

Natário, C., «Eduardo Lourenço: Um Poeta da Filosofia», *Agora: papeles de Filosofía* 42, no. 2 (Junho, 2023) 1-6.